

DO CURSO DE D. QUIXOTE – BREVES IMPRESSÕES

*Para os Senhores D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre,
e Álvaro Garcia de Zúñiga*

Num serão da Torre, em que a luz de Diana se mingua e um morcego de asas gregas esvoaça pelas salas abertas, topo com algumas frases interessantes, possivelmente, escritas por acaso, num pequeno livro intitulado “Os Conjurados” de Jorge Luis Borges. Cito: “Deve entrar-se na morte, como se se entrasse num baile”. Glosa, entrar-se na morte, como, se no arco, vislumbrasse Quixote.

É um cavaleiro alto, garboso, falso louco e discreto, que prefere lentilhas em vez de favas e nisso se parece com Pitágoras. Com os pés na lua, a cabeça no fogo dança com a lança porque a amante lhe falta.

Os meus pés são de chumbo – murmura o outro – a minha mão de cera deixa escapar o fio que degolou, no labirinto, a besta com cabeça humana.

Ali está a entrada da cova, onde o tempo não existe e a noite nunca acaba. E como, no livro, Quixote desceu, assim mergulham os conjurados nos lagos de Montesinos.

Sereias azuis e outros tritões ondulam nas águas. Montado no leão que domou com um simples olhar, parece-se com a esfinge que questiona os viajantes a caminho da barca de Caronte. Recebe-os bem disposto, todo armado de prata. O baile é por aqui, aqui tendes, agora libertos dos grilhões dos ferros, um remo de ouro, para que chegais céleres à luz. Remai, remai que a festa já começou e não faltam nem belas donzelas, música mourisca ou atraentes rapazes de olhos verdes, nem os saborosos assados ou os bacalhaus de Beatriz, sem esquecer a ambrósia e outros licores.

E o cavaleiro dos leões percorre os enigmas sem achar centros, portas ou templos.



E por mais estranho que pareça, ali está diante de nós a catedral de Bruges. Na pedra central, um holograma da bela Doroteia funde-se com a imagem de Leyla Máriam.

Dos antigos sacrifícios, a memória é um halo que nos transporta para fora da realidade. E de passagem em passagem, subterrânea ou aéreas, líquidas ou de salamandra forma-se o novo plasma de teatros impossíveis.

D. Quixote nos braços do sonho profundo é o rei que convoca outros reis para assistirem ao seu renascimento. E nos futuros telescópios de Kepler, observam-se novas estrelas, novos mundos que casam as ciências clássicas com as novas modernas. E se os homens não estão ainda preparados para usar os novos modelos, se, pelo contrário, receiam-nos, como se fossem obra do maligno, há quem sempre esteja um passo à frente, ainda que faça a cruz do louco.

No entretanto, aproximou-se de D. Quixote um dos conjurados e, quase em surdina, disse-lhe, Senhor caiu-vos este papel amarelo dos vossos calções. D. Quixote olhou-o admirado, tocou ao de leve a taça de ambrósia nos lábios, e disse, pois bem vê o que lá dentro vem e se for cousa agradável, conta-nos. O referido assim fez, desdobrou o papel e com uma voz dodecafónica e pausada de barítono leu o seguinte:

“Caro Miguel, eu, Miguel, sou D. Quixote, filho do teu punho e da tua mente retorcida, dupla e venusiana.

Talvez te surpreenda, que, na hora em que matam o galo, te escreva estas linhas, que julgarás apócrifas, coisa que para ti é fácil, pois apócrifas como ninguém, que até os hipogrifos de Ariosto, ao pé de ti, não são senão joguetes infantis.

E se tal te ocorre, não deixas de ter alguma razão, porque, em boa verdade, se por um lado esta missiva é fingida, como a loucura de certas personagens que inventas e que tanto trabalho me tem dado, por outro não é.

Mas antes que te explique porque é, e não é ao mesmo tempo apócrifada, deixa-me dizer-te, que, apesar de me teres morto, o que desde já te agradeço, na tal noite de reis, e que logo na madrugada seguinte, vieram adorar-me como menino sagrado, não te passa pela cabeça, como, no entretanto, me têm maltratado e esquarterado, principalmente, o corpo como se fosse múmia, cadáver ou andróide esquecido. Cortam-no, miram-no, como se tratasse do Santo Graal, analisam a densidade do fígado, a cor dos pulmões, o peso do cérebro, a forma dos testículos e até o funil da alma. Voltam a fechar-me e voltam a abrir-me, como quem descobre o eldorado.

Mas de tudo isto nada me espanta e calculo que te rias com tamanha façanha; mas escuta bem, um dia chega-se um homem ao pé de mim e depois de certificar-se da minha identidade, diz-me que também ele é o Quixote e depois de acesa discussão, o louco já nem sequer admite que também eu sou, apenas ele e mais ninguém e depois vem outro e o mesmo e mais outro e igual e até um cão, e uma pedra e uma planta, deve dar-te gozo, não?

e quando alguém teve o atrevimento de dizer que, afinal, Deus não criou o universo, tiveste a desfaçatez de pedir a palavra para gritares, claro que não, foi Quixote quem o fez.

E como dizes que é mais importante, não o que escreves, mas o que deixas de escrever, se isto não é a poética, nem Aristóteles, venha o diabo e escolha”...

Chegados a este ponto, D. Quixote farto que nem uma batata, interrompeu-o, já chega, lês muito bem senhor Miranda, mas fiquemo-nos por aqui, antes dá-me um dos teus havanas e passemos ao salão de fumo, para não incomodarmos as damas. E assim saíram os dois de braço dado.

E agora que já não receais a morte, gozai bem a vossa vida, para naquela entrar a dançar.

E como disse Mateus, felizes sejam os pobres de espírito, ou como diria o outro, felizes os conjurados de Quixote.

L. Miranda